

## ***Aura: Raro Ouro***

Ivan Junqueira  
(Prefácio de *Aura*, 2A, 1997  
reimpresso em Ivan Junqueira, *O fio de dédalo*, Record, 1998)

Como poucas—ou talvez nenhuma das que se escrevem hoje entre nós—, a lírica de Renato Rezende nos remete a uma questão de que pouco se ocupam não apenas nossos poetas, mas também boa parte da crítica literária brasileira. Aludo aqui, especificamente, ao tópico da idéia poética enquanto tal, dessa *avis rara* do pensamento puro (a julgar-se que de fato haja algum) cuja plumagem voltei a entrever quando traduzi para o português a poesia completa de Dylan Thomas. Mais exatamente na última estrofe do poema *Se brilhassem os faróis*, lá estava ela, a pura idéia poética, esguia e solitária: “A bola que lancei quando brincava no parque/ Ainda não tocou o chão”. O culto à idéia poética, aliás, constitui, ao lado da música verbal—não precisamente a “música de idéias” que ouvimos na poesia de T.S. Eliot—, uma das chaves que abrem à nossa compreensão não apenas a essência da lírica de língua inglesa, como todo seu cortejo de polissemias e ambigüidades, mas também as razões além da razão que a tornaram talvez a mais poderosa e aliciante poesia que já se escreveu em qualquer idioma. O substrato e a breve estrutura dos poemas de Renato Rezende (diz-nos ele, a propósito, que só lhe interessa a essência ou aquilo que se reduza a cápsulas de amor preservadas em poemas) não guardam qualquer relação de parentesco com a poesia obscura, sacramental e, em certo sentido “metafísica” de Dylan Thomas, aqui evocado apenas para que se compreenda que, no tocante ao gosto daquela idéia poética, ambos de algum modo se tangenciam. Nos poemas de *Aura*, entretanto, o que

predomina é justamente o avesso do hermetismo metafórico dylaniano, pois há neles algo de claro, de elegante e de conciso que jamais vislumbramos na espessa floração barroca que inerva a linguagem do poeta galês.

O poema que abre a segunda parte de *Aura* e leva o título de *A perna*, por exemplo, dá bem uma noção de como se cristaliza essa idéia poética na linguagem de Renato Rezende. O texto nos fala de uma mendiga que vive perto da casa do poeta e tem uma perna amputada. Já na primeira estrofe confessa-nos o autor que lhe assalta o desejo de beijar a perna que falta ou acariciar aquele pedaço de nada, admitindo ao fim do poema que lhe deu vontade de

Entrar em seu corpo e ser ela,  
ser a perna que falta  
ser a falta da perna dela.

Em outras palavras—e aqui estaria o cerne antinômico dessa idéia poética—, o poeta deseja apenas o que já *não é* no *ser* da mendiga, o que a rigor lhe falta à atualidade ôntica. E daí escrever, nos dois últimos versos, que teve “Vontade de amar/ e ser nada”. Poder-se-ia nesse passo, muito a propósito, recordar aquela premissa da dialética hegeliana que tanto aturdiu o pensamento ocidental (já o aturdiu, é bem de ver, desde os tempos de Heráclito): “A maneira de ser do ser é deixar de ser o ser para passar a ser o nada”. É esse o trânsito antitético que aflora nos dois versos acima citados. Já não se trata aqui daquela drummondiana “falta que ama”, mas de alguém que ama a própria falta. Outro exemplo da utilização da idéia poética é o poema que leva o título de *O elo perdido*, muito embora suas conotações não mantenham nenhuma genealogia com o anterior. O poeta nos informa que

soube, pelo *National Geographic*, que “na Etiópia ingleses e nativos/ descobriram ainda mais antigos restos de hominídeos/ que os famosos vestígios de Lucy”. E conclui:

#### Dentes

e ossos de um indivíduo, que certamente  
não se considerava indivíduo, mas vagamente  
sentia ser parte indivisível de um todo.  
Talvez esse sentimento seja o elo perdido.

A poesia de Renato Rezende deve muito de sua louçania e humor ao uso personalíssimo que faz o autor da idéia poética. É ela, por exemplo, que lhe nutre o capsularismo quase aforismático das vinhetas que constituem a primeira parte de *Aura*. Atestam-no à saciedade poemas como *Mulher*, *Sobre o mar*, *O anjo na calçada*, *A boca*, *Vislumbre*, *Cupido*, *O outro*, *Piazza San Marco* (em cuja primeira estrofe o poeta encadeia com sabedoria três rimas toantes: “Homens”, “pombas”, “gôndolas”) e esta breve e concisa jóia que atende por *Ao redor do fogo*:

O fogo consome  
a madeira  
na lareira ardente.  
Enquanto um outro fogo  
chamado tempo  
nos consome  
—mais lentamente.

Há em todos esses poemas uma transparência conceitual e uma limpeza de fatura que se diriam modelares, longe da turbulência fenomênica dos sentidos, desse transbordamento emocional e discursivo que tanto deitou a perder a nossa poesia desde o romantismo. E entenda-se aqui que a linguagem poética de Renato Rezende esquivava-se de toda forma de arroubo para alçar-se aos píncaros da pura reflexão sobre a realidade. Daí sua concisão, sua elegância, seu humor, sua *wit* e rotundo não à eloquência verbal. Perceba-se, a propósito, o fino comentário a certa crise de identidade em que consiste o poema *O outro*:

Por um segundo, nos olhos do outro  
vejo o reflexo do meu próprio susto  
e o espelho do meu verdadeiro rosto.

Ou a exasperante delicadeza de *O anjo na calçada*:

Douradas, rosas, azuis

na calçada  
duas pétalas de flor  
como asas

borboleta  
crucificada.

Ou, ainda, a fluida—e ao mesmo tempo corpórea—queda deste *Cupido*:

Quando te vi  
deixei cair minhas asas.

Caí como uma pluma  
de pedra.

Flecha  
presa na carne.

Ou, enfim e ao cabo, a singeleza desnuda desta *Mulher* que se beija a si própria:

A mulher, nua  
diante do espelho.

Eis, no meio da vida,  
o prazer verdadeiro.

Em círculo beija  
a própria ferida,  
o próprio seio.

E desnuda é também toda essa linguagem escassa de imagens e metáforas grandiloquentes, de elipses barrocas ou qualquer outro artifício que nos faculte o abuso de estilo. Ele aqui é seco, exato, quase ósseo, fiel, aliás, àquilo que se propõe o autor desde o esfíngico sentido da epígrafe tomada a John Donne—“Twice or thrice had I loved thee,/ Before I knew thy face or

name”—, ou seja, àquela ambigüidade sêmica em que se resolve e se reduz toda a autêntica poesia. O jogo supremo do *homo ludens*. O que se emociona em Renato Rezende não são os sentidos, mas o espírito. E talvez a alma. Daí essa rarefação expressiva, essa palavra que não se afasta da inteligência por saber que, se o fizer, correrá o risco de ser abatido por aquilo que Eliot chamou, em *East Coker*, de indisciplinadas esquadrilhas da emoção. E há ainda que considerar, no tocante àquela epígrafe, o que nos ensina esse mesmo Eliot sobre aquele mesmo Donne no memorável ensaio “Os poetas metafísicos”, onde se lê: “Tennyson e Browning são poetas, e pensam; mas não sentem o seu pensamento tão imediatamente quanto o perfume de uma rosa. Para Donne, o pensamento era uma experiência; ele modificou sua sensibilidade”. Quem o compreender estará mais próximo do caráter reflexivo e antitético que permeia toda a poesia de Renato Rezende.

Os poemas reunidos em *Aura*, esse raro ouro que o autor garimpou entre 1988 e 1996, foram escritos em Salamanca, Cambridge, Boston, Nova York, Virgínia, Nova Jersey, Roma, Turim, Veneza e Bombaim. Pertenciam ao mundo. Mas o poeta acaba de regressar ao nosso convívio. Menos mal: eles agora nos pertencem.

# **AURA**

**Renato Rezende**

*Twice or thrice had I loved thee,  
Before I knew thy face or name;...*

John Donne



**1**

## DEPOIS DO BANQUETE

Sobre a mesa fica  
o que sobrou da efêmera alegria:  
uma garrafa de vinho quase vazia  
alguns vestígios de comida já não apetecível  
e o último pedaço de pão,  
esquecido:  
cotovelo de anjo.

*Salamanca, julho 1988*

## MULHER

*a A.L.A.*

A mulher, nua  
diante do espelho.

Eis, no meio da vida  
o prazer verdadeiro.

Em círculo beija  
a própria ferida,  
o próprio seio.

*Cambridge, maio 1989*

## O QUARTO

Aqui ficará a mesa,  
e nessa gaveta  
os novos poemas que escreverei;  
aqui a vitrola  
e os discos;  
ali os livros,  
a cama, a cadeira, a roupa,  
a máquina de escrever.  
Aqui (por quanto tempo?)  
passará minha vida.

*Boston, setembro 1990*

## OS DIAS

Sobre a estante de madeira  
um lenço bordado por um antepassado;  
sobre esse delicado trabalho  
um copo de plástico:  
vaso  
para flores amarelas  
como astros no espaço.  
Assim --  
passam os dias.

*Boston, setembro 1990*

## **SOBRE O MAR**

Lixo; gato morto, jornal velho  
tudo isso encontramos  
misturados à areia  
da praia onde pensamos  
seria fácil nos amar

Apesar da sujeira  
nos deitamos  
(como se flutuássemos  
sobre o mar)

*Boston, setembro 1990*

## O ANJO NA CALÇADA

Douradas, rosas, azuis

na calçada  
duas pétalas de flor  
como asas,

borboleta  
crucificada

*Boston, setembro 1990*

## A BOCA

Quando, deitada na cama, me inclino  
para beijar

suspirando  
minha almofada;  
o quê, quem, que boca

(delicadamente  
delicadamente beijada)  
estou beijando?

*Boston, novembro 1990*



## A MÃO

...

depois  
o ardor do corpo se faz demasiado  
e não queremos mais o gozo  
e sim  
somente o delicado  
acariciar de nossos corpos  
abandonados

por esta mão

(qual?)

que nos acariciava  
enquanto nos acariciávamos.

*Roma, abril 1991*

## O SORRISO

-- Mostre os dentes,  
sorria  
(eu digo a ela)  
e ela sorri.

Estudo nos seus lábios  
esse delicado,  
sublime mecanismo:

(entre músculos e dentes  
devagar,  
novamente)

-- o sorriso.

*Turim, maio 1991*

## OS ANJOS

Um anjo desce e estende  
o pequeno braço branco para mim:  
--- Venha comigo  
passar dez minutos no paraíso.

--- Não, eu digo,  
não sou desses que têm tempo  
para passear no paraíso.

Mas o anjo é misericordioso.  
Sem perceber cochilo,  
e por dez minutos sonho  
com todas as cores do paraíso.

*Boston, maio 1991*

## VISLUMBRE

O instante, ínfimo, que separa  
o sono da vigília;  
o momento em que o sino se cala  
(quando?)  
no átrio de um templo;  
o espaço  
entre uma palavra  
e outra:  
O que se esconde por trás de tudo,  
o que sempre se mascara  
-- Sorri  
(como todos os dias  
o sol abre  
sua cortina sobre o nada).

*Bombaim, novembro 1991*

## **CUPIDO**

Quando te vi  
deixei cair minhas asas.

Caí como uma pluma  
de pedra.

Flecha

presa na carne.

*Nova York, maio 1994*

## **SOBRE A TERRA**

Esquecidos de nossas asas, nos amamos  
perdidos no fundo do céu.  
Fechamos os olhos e nos beijamos.  
(O sol longe, longe, perdido  
na cúpula do azul infinito)  
Somos os anjos caídos  
e se faz noite sobre a Terra.

*Nova Iorque, maio 1994*

## O OUTRO

Por um segundo, nos olhos do outro  
vejo o reflexo do meu próprio susto,  
e o espelho do meu verdadeiro rosto.

*Nova York, julho 1994*

## ANDALUZA

A janela de serviço do pequeno apartamento de Granada, onde morava com minha família (eu, meu marido, três filhos, a empregada) era também pequena, mas dava para a rua ensolarada: as copas das árvores das alamedas de Granada, e a vida, que passava (sempre!) longe e iluminada.

*Nova York, setembro 1995*



## AO REDOR DO FOGO

O fogo consome  
a madeira  
na lareira ardente.  
Enquanto um outro fogo  
chamado tempo  
nos consome  
-- mais lentamente.

*Nova Jersey, fevereiro 1996*

## PIAZZA SAN MARCO

Gerações de homens  
de pombas  
de gôndolas

no entanto o ar está fresco  
e como se pela primeira vez  
o sol nasce

*Veneza, julho 1984 --  
São Paulo, abril 1996*

## NAS CIDADES

Chove friamente  
na cidade.

O anjo com as asas encharcadas  
caminha a esmo,  
deprimido.  
Falta-lhe algo!

O anjo se masturba  
depois escuta Mozart,  
esquecido.

*Nova York, setembro 1996*



## A PERNA

Numa esquina perto da minha casa  
vive uma mendiga  
de perna amputada.  
Tenho vontade de beijar  
a perna que falta.  
Acariciar  
aquele pedaço de nada.

A mão dela está queimada  
e parece que foi costurada  
de volta ao braço.  
Com essa mão ela pede esmola.

Hoje passei por lá  
e vi que a perna dela  
(a outra)  
estava bronzeada.

Ela é loira, ela é moça, é a flor  
da perna amputada.

Me deu vontade  
de entrar em seu corpo  
(fragmentado)  
a meio metro da calçada.

Entrar em seu corpo e ser ela,  
ser a perna que falta.  
Ser a falta da perna dela.  
Tive vontade de amar  
e ser nada.

*São Paulo, 6 de agosto 1992*

## PIMENTÕES PERFEITOS

Num supermercado de um bairro pobre  
vi uma bancada de pimentões amarelos,  
ainda bons, saborosos  
mas feios, amassados, alguns muito pequenos,  
outros tortos,  
diferentes dos pimentões plenos e perfeitos  
mas *encerados*  
dos Supermercados Eldorado.

Quando olhei para as pessoas notei  
que são como os pimentões que comem.

*São Paulo, 2 de outubro 1992*

## DENTRO DO MAR

Dentro do mar  
nós quatro  
em silêncio

Onda vem e vai  
dentro do mar  
em silêncio

Um vem e vai  
dentro do mar  
em silêncio

Nós quatro  
cada um quatro  
cada quatro mil

em silêncio  
lavando nossos passados  
dentro do mar

infinito --  
e o céu infinito

*Cidade dos Arrecifes (Recife)  
16 de novembro 1994*

## **À BEIRA DO MAR, ESTA MANHÃ**

À beira do mar, esta manhã  
eu fui um homem  
à beira do mar.

Apenas um homem,  
sem nome, sem memória:

Deus  
à beira do seu mar.

*Rio de Janeiro, 23 de novembro 1994*



## HISTÓRIA

Ontem revi o livro *História do Brasil*  
que quando menino estudei no ginásio.  
Havia uma foto da família real: Dom Pedro II,  
a Princesa Isabel, o Conde D'Eu. Essas pessoas  
realmente existiram, um dia, e hoje estão mortas.

A noite, relendo *Orlando Furioso*  
pensei nesse jovem Roland, morto  
em 778, numa emboscada basca  
contra os francos de Carlos Magno.  
Esse anônimo Roland, que sem suspeitar  
inspirou a *Chanson*, o *Innamorato*, o *Furioso*.

Hoje estou aqui, sob a luz, mas a vida  
com suas razões fugidias, é arisca, e já  
(sorratamente) a sombra se aproxima.

*Virgínia, 9 de maio 1995*

## SOMBRA

Comprei uma biografia de Joan Miró  
com algumas fotografias velhas, uma delas  
mostra o pintor-poeta no fundo de um bar  
bebendo, admirando La Chunga dançar. A foto  
é escura e os dois parecem mortos.  
É difícil acreditar que isso realmente aconteceu, a sombra  
de toda história mais parece um sonho.

*Nova York, 29 de maio 1995*

## AS HORAS DE AMOR

O Marajá Akbar  
escreve em sua biografia  
que durante sua vida inteira  
só sentiu amor verdadeiro  
por três minutos e meio.

Akbar, o rei, o imperador  
não apenas de uma província  
mas de um país inteiro.

Quanto tempo de amor  
eu tenho vivido na minha vida?

*Nova York, 28 de junho 1995*

## NO MEIO DO CAMINHO

Um desses momentos  
em lugar nenhum...  
estás à beira da estrada...  
e és novamente um recém-nascido.  
Nunca fizestes nada.  
O bordado  
da tua vida  
encontra o bordado  
do teu destino.  
Estás calado,  
caminhas  
entre pedras e pedregulhos,  
flores silvestres, abelhas,  
e uma pequena poça d'água....

Sob o sol eterno,  
alheio aos carros que passam,  
diante do teu futuro,  
aqui estás,  
presente—  
ao mesmo tempo claro e escuro.

*Nova York, 11 de julho 1995*

## POEMAS

Sou ainda muito moço,  
mas quando me lembro  
dos tantos momentos que já vivi na minha vida  
sinto que todo o passado tem sido um sonho  
desaparecendo,  
e quero mesmo que desapareça  
e somente sobre a essência,  
o supra-sumo  
como cápsulas de amor preservadas em poemas.

*Nova York, 23 de julho 1995*

## A DEVI COBERTA

No MET vi a imagem de uma deusa  
coberta para reforma, mas apesar da lona  
disforme sobre o seu torso,  
(na minha retina interior)  
eu pude ver seu rosto.  
Tudo o que é verdadeiramente divino  
não pode ser escondido --  
como a luz dentro de cada um de nós  
transborda pelo olho,  
presa no corpo.

*Nova York, 15 de novembro 1995*

## ÁGUAS ALÉM DA MENTE

Anseio por nadar nu  
e para sempre  
no lago que existe  
dentro, e além  
da minha própria mente.

A água deste lago  
é dourada, azul.  
Nela eu me torno  
puro—e um.

Me lembro de uma vez estar ao lado de um lago  
e sentir desejo de ser *ele*.  
Me lembro de sentir-me excluído da natureza.

O verde, os pássaros, o sapo  
parecem ser um  
com o lago e o céu.  
Talvez estejam para sempre submersos  
nas águas de uma mente em silêncio.

Mas, e eu? No meio do caminho, entre  
o pó e o êxtase, os pés e as asas.

Escrevo: *Anseio pelas verdadeiras águas.*

*Nova York, 20 de fevereiro 1996*

## AS VEIAS

O mesmo sangue que corre em minhas veias  
já correram em minhas veias  
em muitos outros corpos, disso tenho certeza.  
Já chamei de *minhas* muitas veias, muitos corpos  
em infindáveis línguas passadas, já mortas.  
Já vivi muitas, muitas vidas... *in short*:  
não há diferença entre um ser humano e o próximo.

*Nova York, 2 de março 1996*



## O ELO PERDIDO

Porque eu sabia que havia um poema escondido ali  
li um artigo inteiro no *National Geographic*  
sobre arqueologia.

Na Etiópia, ingleses e nativos  
descobriram ainda mais antigos restos de hominídeos  
que os famosos vestígios de Lucy.

Dentes

e ossos de um indivíduo, que certamente  
não se considerava indivíduo, mas vagamente  
sentia ser parte indivisível de um todo.  
Talvez esse sentimento seja o elo perdido.

*Nova York, 3 de março 1996*

## FIN DU SIÈCLE

Estamos na Europa, em *la campagne*.  
E somos dois homens num bosque.  
Caminhamos.

Na clareira perto de um riacho  
encontramos  
as flores mais lindas  
(minúsculas, amarelinhas!)

O quê fazer?

- a) colhê-las para um *bouquet*
- b) fotografá-las como um japonês
- c) deixá-las em paz (o meio ambiente!)

*None of the above:*  
Passamos por cima, normal  
silenciosamente.

*França, verão 1988 --  
Nova York, 7 de março 1996*

## ESPERA

Uma conversa que hoje escutei  
me fez refletir  
se sou realmente feliz.  
Um moço disse à outro:  
*Eu realmente, realmente, realmente  
quero....*  
Quando foi a última vez  
que eu quis?  
Deito-me dentro de mim mesmo  
e espero.

*Nova York, 8 de março 1996*

## ENSAIO

Deitado na cama, sozinho, escrevo  
porque escrever  
é a única coisa que me dá prazer:

Penso em morrer.  
Em acercar-me de ti, Deus, humildemente:  
*Senhor, já cumpri 32 anos  
e a minha vida está completa.  
Não quero ser poeta nem santo,  
deixa-me partir.*

Mas não se morre quando se quer  
e sim quando se pode.  
Deitado na cama, olhos fechados  
ensaio a minha morte.

*Nova York, 10 de março 1996*

**EU**

Esvaziar-me  
e tornar-me nada.

Viver da mesma maneira, a mesma coisa, em barracas  
ou palácios.

Ter o corpo oco, depois de cada encontro  
e durante cada ato  
não pensar em nada, não levar nada  
para casa  
não sentir nem desejo nem raiva.  
Que não exista algo chamado Renato.

Nunca fazer nada.

Que Renato seja uma máscara  
vazia—mas este espaço  
não seja ausência, mas luminosidade.

A coisa mais pura e clara.

*Nova York, 13 de março 1996*

## AROMA

*a S.M.A.*

Atravesso o jardim, mas páro  
para cheirar as flores.  
Logo não sentirei perfume algum  
porque estarei morto --  
ainda estarei neste jardim  
mas não terei um corpo.

*Nova York, 12 de julho 1996*